

DESCOLA, Philippe (Org.). *La fabrique des images: visions du monde et formes de la représentation*. Paris: Musée du Quai Branly/SOMOGY-Éditions D'Art, 2010. 224 p.

Jeremy Deturche

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: jeremy.deturche@gmail.com

Este livro é à primeira vista um objeto particular, meio híbrido, cujo entendimento como “livro antropológico” não é óbvio. Oficialmente, trata-se de um catálogo da exposição epônima do Museu do Quai Branly, de Paris (conforme o próprio *site* do Museu¹), onde o organizador dessa coletânea foi também o curador. A exposição aconteceu de 16 de fevereiro de 2010 a 17 de julho de 2011. Portanto, segundo as próprias palavras do curador e organizador, uma exposição “n’étant pas um traité savant” (p. 18). É a partir dos objetos escolhidos e das suas apresentações e justaposição que as reflexões antropológicas, às quais suas análises levaram, estão apresentadas. O resultado é um livro que por certos aspectos poderia ser chamado de “arte”, como confirmado pelo nome da editora ligada ao Museu, “SOMOGY-Éditions D’Art”. O papel liso e a excelente qualidade das ilustrações de 127 peças que faziam parte da exposição – num total de mais de 150 – contribuem para essa impressão.

O catálogo, bem como a exposição, tem um propósito muito além da simples mostra exemplar da diversidade das imagens e figuras que a antropologia e os colecionadores teriam acumulado nas suas buscas pelo exotismo. Havia na exposição e há no catálogo a síntese e a demonstração de uma reflexão antropológica levada pelo próprio Descola – apresentada pelo diretor do Museu como refletindo “son oeuvre, qui repose sur la fréquentation conjointe de

l'ethnologie, de la philosophie et de l'histoire de l'art" (p. 7). Sem elaborar o que constitui a "obra" de Descola, a organização do catálogo – que, segundo o *site* do Museu, segue a mesma organização que a exposição – leva a crer que ela está baseada nos trabalhos atuais do autor sobre a problemática das representações. Essa problemática se encontra resumida na introdução escrita pelo próprio Descola – “Manière de voir, manière de figurer” – e é uma continuação de suas reflexões sobre a problemática do par dicotômico natureza-cultura.

Além das divisões classificatórias entre as diversas produções figurativas dos mais variados tipos, comuns entre nossos museus (belas-artes, etnológico, de arte dessa ou daquela região do mundo...), dentro do “tohu-bohu de formes, de supports e d’objets représentés” (p. 12), existiriam alguns “schème” figurativos comuns? Tal é a pergunta que Descola e os membros dessa coletânea tentam responder. De fato essa reflexão se situa numa intersecção. De um lado, está o recente *revival* dos estudos antropológicos sobre os objetos e a arte, notadamente após o livro seminal de A. Gell, *Art and Agency: An Anthropological Theory*, que levou antropólogos a repensarem as “categorias” de objeto e arte e suas qualidades agentivas. O termo “figurações” é pensado por Descola em relação aos trabalhos de Gell, entre outros.² Do outro lado, estão os trabalhos realizados por Descola sobre o que ele nomeou “modos de identificação”, “ontologias” ou “sistemas de qualidades” (p. 12-17).³ A ideia central do livro é a de que as representações, as figurações, são de fato dependentes do que se percebe ou se imagina e que essas, por sua vez, se encontram dependentes:

[de] ce que l’on appris à discerner dans le flux des impressions sensibles et à reconnaître dans l’imaginaire. Or, ce formatage du discernement dépend des qualités que nous avons l’habitude de prêter ou dénier aux choses qui nous environnent ou celles que nous figurons dans notre for intérieur (p. 12).

Ou seja, as modalidades de figuração seriam em parte dependentes das ontologias nas quais os autores estariam vivendo. Para

Descola, as ontologias não se encontram em número infinito, mas seriam provavelmente limitadas a quatro, organizadas pelas continuidades e pelas discontinuidades entre seres humanos e outros “existentes” – *existants* – em dois planos distintos, o da “fiscalidade” (*physicalité*) e o da “interioridade” (Descola, 2005).

Essas quatro ontologias seriam o animismo, que postula uma continuidade das interioridades e uma discontinuidade das fiscalidades; o naturalismo, tipo inverso do animismo; o totemismo, que estipula a ausência de discontinuidade tanto no plano “moral” (interioridade) quanto no físico, dentro de uma classe de existentes (as classes totêmicas); e o analogismo, que postula uma discontinuidade entre os existentes nos dois planos.⁴ Essas ontologias não devem ser entendidas, como adverte Descola, como totalidades e, se é possível encontrar ontologias extremamente dominantes em determinadas regiões do mundo, como o animismo entre os Inuit, o totemismo na Austrália aborígine e o naturalismo entre os “modernos”, são geralmente orientações.

Essa coletânea, bem como a exposição, tem então como objetivo mostrar as características que ligam essas ontologias a determinados tipos de representação, ou melhor, mostrar como essas ontologias produzem, “fabricam”, determinados tipos de figurações, o que implica colocar em evidência o tipo de intencionalidade “delegada” a essas imagens. Convém, todavia, notar que, se as ontologias são apresentadas como orientações, nem todas as imagens ou figurações estariam orientadas e determinadas pelas ontologias nas quais elas originar-se-iam. Assim, dois exemplos são dados e algumas “imagens icônicas” não teriam uma “dimension ontologique”: a pictografia e a heráldica. Não está absolutamente claro como poderia se articular esse tipo de imagem com as outras, que têm qualidades ontológicas, pois elas estariam apresentadas como efeitos de uma função expressiva “comum”, “se não universal”. Deve-se entendê-las como além das ontologias e das figurações que as expressam?

Esse propósito de exemplificar e de demonstrar como se amarram diversas figurações e as quatro ontologias serve de fio condutor e organizador do livro, que se encontra dividido em quatro partes,

correspondendo às quatro ontologias. A primeira, “Un monde animée”, corresponde ao animismo. Seguindo um padrão que vai se repetir para as três outras partes, o primeiro texto dessa seção é também de autoria de Descola e se apresenta como mais amplo, tentando evidenciar a diversidade das representações que são ligadas a uma ontologia, diversidade que pode ter um padrão geográfico ou corresponder a uma diversidade de objetos e de destinos diferentes. Algumas dessas diversas representações são então exemplificadas, discutidas e especificadas mais detalhadamente nos artigos seguintes a esse texto de certa maneira introdutório. Assim, no caso do animismo há três outros artigos, “Voire comme un Autre: figuration amazoniennes de l’âme et des corps”, de Anne-Christinne Taylor, “Miniature et variations d’échelle chez les Inuit”, de Frédéric Laugrand, e “Corps e âmes d’animaux em Sibérie: de l’Amour animique à l’Altai analogique”, de Charles Stépanoff. O texto de Taylor é voltado para a vertente amazônica do animismo e suas figurações específicas centradas na problemática do corpo – e nas apropriações de qualidades alheias pelos ornamentos e pelas pinturas corporais, entre outros –, que, como sabemos, desde um artigo seminal (Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro, 1979) se encontra no centro das cosmologias ameríndias dessa região. O artigo de Laugrand focaliza-se principalmente nas miniaturas Inuit, como figuração das *almas-tarniq* e sede de poderes transformacionais e de substituição que lhes conferem a possibilidade de ações mediadoras – a miniaturização como figuração anímica. Não se trata, todavia, de considerá-las como objetos mágicos, elas são, antes de tudo, relações, representação como relação. O terceiro texto, de Stépanoff, trata de uma terceira área geográfica, o extremo noroeste da Ásia e as extensões da Sibéria, onde várias populações se encontram em contato e onde o animismo não é a única ontologia presente. Isso permite comparar e observar como em uma mesma área geográfica e contextos ontológicos diferentes outras ontologias são presentes e se expressam através de diversas imagens.

Esse esquema se repete então para as três outras ontologias. A segunda ilustrada é o naturalismo, “Un monde objectif”, cuja apre-

sentação de Descola está seguida de dois textos sobre modalidade particular, inclusive com uma dimensão temporal da figuração naturalista. De fato aparece aqui o problema do surgimento e da formação dessa ontologia. O naturalismo que se encontra simbolizado pela separação intransigente entre natureza e cultura se fixa no século XVIII. Mas o livro sugere que uma transformação naturalista progressiva está perceptível na evolução das representações e figurações desde o século XV, em que a objetividade (na representação da singularidade individual e das interioridades), a busca pelo realismo e a imitação (que mostram através da natureza as continuidades da fisicalidade), características da figuração naturalista, já estavam aparecendo. O dois textos complementares dessa parte, o de Michael Taylor, “La peinture et le savant: la fabrique des images au siècle d’or de la peinture hollandaise”, e um artigo sobre a fotografia entendida como objetiva de Monique Sicard, “La ‘photo-graphie’, entre nature et artefact”, buscam exemplificar essas características em momentos históricos e suporte técnicos diferentes.

A terceira parte, “Un monde subdivisé”, tenta definir e exemplificar as figurações oriundas da ontologia totêmica. De fato essa ontologia corresponde ao mundo aborígine australiano e representar, figurar, o totemismo é figurar e representar as continuidades nos dois planos da fisicalidade e das interioridades entre indivíduos de uma mesma classe totêmica. Três maneiras diversas, mas ligadas entre si por transformação, são dadas como maneiras de figurar essas continuidades. A primeira, da qual se originam as duas outras, consiste em representar uma combinação dos seres prototípicos (híbridos – os “seres dos sonhos”) na origem das classes totêmicas, no momento de uma ação instituidora; o lugar da ação é ao mesmo tempo o produto dessa ação e os emblemas que caracterizam e são associados à classe totêmica. A partir desse tipo de figuração, é possível de certa maneira tirar a representação da ação e unicamente representar os seres originais, ou ao contrário, representar unicamente o resultado da ação. Os dois artigos complementares, de Françoise Dussart, “De la terre à la toile: peinture acrylique de l’Australie centrals”, e de Jessica de Largy Healy, “L’art de la

connexion: tradition figuratives et perception des images em terre d'Arnhem australienne", vão não somente exemplificar essas possibilidades figurativas, mas também possibilitar a reflexão sobre as diversas técnicas empregadas e as evoluções materiais e estilísticas dentro desse modo totêmico de figuração.

Enfim, a última parte, "Un monde enchevêtré", detém-se sobre a figuração analógica, caracterizada principalmente pela profusão de seres híbridos, de quimeras e de outros seres compostos, mas também de representações de redes e todas as possibilidades de correspondências entre entidades, como englobamento ou replicação. O objetivo é figurar uma trama que permita inserir cada um dos existentes, que são tantas singularidades, criando uma organização ou uma forma que aloca cada um, por diversos jogos de conexões, no seu devido lugar. O três artigos dessa parte, o de Dimitri Karadimas, "Animaux imaginaires et êtres composite", o de Allen F. Roberts e Mary Nooter Roberts, "La répétition pour ele-même: les arts itératif au Sénégal", e o de Johannes Neurath, "Simultanéité de visions: le *nierika* dans les rituels et l'art des Huichols", são, novamente, três momentos de especificação: o primeiro focado sobre um tipo de representação específico, os seres compostos, enquanto os dois outros são mais geograficamente localizados.

Todos esses textos estão ilustrados a partir dos objetos e das imagens que foram apresentados na exposição, mas sem que isso se transforme numa análise específica de cada um deles, o que torna a leitura extremamente agradável. Concluindo, o objetivo é demonstrar as ligações entre determinada maneira de ver o mundo e uma maneira de figurar que na verdade se apresenta neste livro como uma maneira de expor as relações entre humanos e não humanos que estão pensadas pelas ontologias. Contudo, não é sempre claro se essa relação se deve à formatação promovida pelas ontologias, por orientar as figurações, ou se realmente não seria uma definição de/por uma categoria de imagens que representam as relações postuladas pelos modos de identificações. Como de fato as imagens que não têm a dimensão ontológica se relacionam com os modos de identificação. Obviamente as reflexões que perpassam essa demonstração

visam promover uma nova dimensão de reflexão sobre os objetos do mundo que tenta evitar classificar ou “tipologizar” tais objetos de maneira essencialista e em função de critérios cujo valor é problemático, como a estética ou a origem geográfica. Mas para isso se faz presente uma bipartição entre as imagens, entre aquelas que têm uma dimensão ontológica e as outras.

Este livro constitui também uma reflexão interessante sobre as práticas de exposição, no sentido de que essa maneira de pensar as figurações implica repensar as práticas expositivas e museológicas. Se uma exposição não é um “*traité savant*”, ela não pode também ser uma amostragem. Repensar os objetos implica repensar o destino deles, principalmente nos museus; e, nesse sentido, além do projeto teórico-anropológico, o catálogo (e possivelmente a exposição) consegue mostrar como fugir de categorias essencialistas, notadamente por transparecer em todos os artigos que o que faz a agência dos objetos, as suas qualidades figurativas nas diversas ontologias, não se encontra na “essência” deles, mas justamente nas suas agências, nas suas relações e usos.

Notas

- 1 Por razões de ordem espacial, não me foi possível visitar a exposição no momento de sua apresentação no museu, porém está ainda disponível no *site* do Museu o descritivo de sua organização e principal propósito: <<http://www.quaibrantly.fr/fr/programmation/expositions/expositions-passees/la-fabrique-des-images.html>>.
- 2 A figuração é de fato a “operation universelle au moyen de laquelle des objets matériels sont transformés en agents de la vie sociale par-ce qu’on leur donne la fonction d’évoquer avec plus ou moins de ressemblance un prototype réel ou imaginaire [...]” (p. 17).
- 3 Ver também Descola (2005).
- 4 A construção dessa teoria se encontra detalhada em Descola (2005) e resumida na introdução do livro. Trata-se aqui unicamente de, esquematicamente, caracterizar essas ontologias para entender como se organiza o livro e qual o seu propósito.

Referências

- DESCOLA, Philippe. *Par-delà Nature et Culture*. Paris: Edition Gallimard, 2005.
- GELL, Alfred. *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

MUSÉE DU QUAÏ BRANLY. Disponível em: <<http://www.quaibranly.fr/fr/programmation/expositions/expositions-passees/la-fabrique-des-images.html>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 2-19, 1979.

Recebido em: 31/10/2011

Aceite em: 08/11/2011